

DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Alcolumbre sai da toca

Pré-candidato à Presidência do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP) tornou sua campanha mais ostensiva esta semana, a ponto de liderar a condução de acordos para aprovação da volta do DPVAT. Muitos senadores avaliam que se ele não tivesse entrado em campo, a proposta não teria passado e o governo teria R\$ 15 bilhões a menos no caixa. Afinal, foram 41 votos, o mínimo necessário a favor do texto.

A tragédia só aumenta

A Confederação Nacional de Agricultura (CNA) está em negociação com o governo federal e o do Rio Grande do Sul para reduzir a burocracia da liberação do seguro agrícola para os produtores gaúchos. É que mesmo onde a água já baixou, há locais em que os fiscais não conseguem chegar para atestar as perdas e liberar os recursos aos produtores.

O dia do teste

Com a saída de presos para o Dia das Mães, neste domingo, a oposição ficará de olho. Se aumentar o contingente daqueles que não voltarem para cumprir a pena, vai enfraquecer o discurso do governo pela manutenção do veto. Os defensores do fim das "saidinhas", que formam maioria no Congresso, prometem desde já um revezamento na tribuna cobrando a derrubada do veto.

Padilha no Senado

O fato de o ministro de Relações Institucionais, Alexandre Padilha, ir ao presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), agradecer o adiamento dos vetos polêmicos, foi visto entre os senadores como um gesto importante para reforçar a posição dele como articulador político. Até aqui, o Senado é a Casa que mais sustenta Padilha.

Políticos dependentes do governo



A tragédia no Rio Grande do Sul ajudou o governo Lula a manter o controle sobre a velocidade de liberação das emendas parlamentares, adiando a análise do veto ao cronograma para pagamento das propostas de deputados e senadores. O baixo clero, porém, vai ficar de olho. Afinal, sem o cronograma, o Poder Executivo poderá dizer o que será liberado agora — ou seja, antes da eleição — e que projetos ficam para depois. Na avaliação de muitos deputados, está mantido o toma lá dá cá. Em tempo: por mais que haja

insatisfação dos congressistas com o Planalto, o governo conseguiu tudo o que queria do Parlamento neste quase um ano e meio de mandato. E, de quebra, ainda chegou a um acordo sobre a desoneração da folha de pagamento.

Quem é do ramo da política diz que o governo precisa melhorar a articulação. Mas, no Poder Executivo, a visão é de que o copo está meio cheio e quase tudo funcionando a contento. Enquanto estiver ganhando, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva não mexerá no time.

CURTIDAS

Quem foi ao Ceará.../ Relator da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), o deputado Danilo Forte (União Brasil-CE) deixou o Plenário da Câmara, no início da tarde, a fim de garantir o embarque para Fortaleza. Saiu confiante de que o cronograma de liberação das emendas individuais estava no rol de vetos que seriam derrubados naquela sessão do Congresso.

...ficou ao Deus dará/ Enquanto ele voava, um novo acordo foi feito e esse veto ficou para 28 de maio. Seus amigos disseram que os governistas só esperaram Danilo sair do Plenário para formalizar o acordo. Agora, dizem que da sessão de quinta-feira restou a máxima: "Ninguém sai".



Ed Alves/CB/DA Press

"Menor aprendiz"/ É assim que os opositoristas têm se referido ao líder do governo no Congresso, senador Randolfe Rodrigues (sem partido-AP, foto). É que ele mesmo diz estar aprendendo muito com o senador Eduardo Gomes (PL-TO), que foi líder de Jair Bolsonaro. Mal ou bem, deu certo a estratégia de, em Plenário, pedir o adiamento de alguns vetos aos 45 do segundo tempo.

Vingou todos/ O ex-senador Chiquinho Escórcio recebeu dezenas de telefonemas de leitores da coluna, por causa da "excomunhão" ao ex-candidato a presidente da República Padre Kelmon, no corredor do Senado. Até o ex-presidente José Sarney e o ex-ministro José Dirceu telefonaram: "Chiquinho, você se superou nas tiradas inteligentes", disse Sarney. Para quem não leu, ontem, Chiquinho chamou Padre Kelmon e soltou: "Eu te excomungo, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo".

CASO MARIELLE / Além de Domingos, conselheiro do TCE-RJ, e de Chiquinho, deputado federal, a Procuradoria aponta o ex-chefe da Polícia Civil Rivaldo Barbosa como parte do núcleo que organizou e mandou matar a vereadora e seu motorista

PGR denuncia irmãos Brazão

» RENATO SOUZA

A Procuradoria-Geral da República (PGR) denunciou os irmãos Domingos e Chiquinho Brazão, além do delegado Rivaldo Barbosa, pelo assassinato da vereadora Marielle Franco, em 2018, no Centro do Rio de Janeiro. No mesmo atentado, foi morto o motorista Anderson Gomes. A denúncia, que está nas mãos do ministro-relator Alexandre de Moraes, foi apresentada na terça-feira, mas divulgada somente ontem pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

Segundo a PGR, a delação do ex-policial militar Ronnie Lessa — que fez os disparos que mataram Marielle e Anderson — mostrou a participação dos irmãos Brazão.

A procuradoria concluiu que eles se encontraram com o atirador e ressaltou que os denunciados tinham estreita e antiga relação com o crime organizado.

"A partir de meados de 2008, até os dias atuais, no Estado do Rio de Janeiro, João Francisco Inácio [Chiquinho] Brazão, Domingos Inácio Brazão, Robson Calixto Fonseca e outros agentes citados nesta denúncia, e já condenados em outras instâncias, integraram pessoalmente organização criminosa armada, estruturalmente ordenada", salienta a denúncia.

De acordo com a PGR, Lessa recebeu dos Brazão a proposta de ser pago para executar os assassinatos. "A ordem para executar os homicídios foi dada por Domingos e João Francisco. De modo

semelhante, Rivaldo Barbosa de Araújo Júnior concorreu para as infrações, empregando a autoridade do cargo de chefia que então ocupava na estrutura da Polícia Civil para oferecer a garantia (...) de que todos permaneceriam impunes", destaca a PGR.

Para a PGR, os assassinatos de Marielle e Anderson ocorreram por questões de terras em áreas de milícia. Além do depoimento de Lessa, as investigações trazem outros testemunhos e monitoramento de sinais de celular.

Prisões no Rio

Em paralelo ao avanço da denúncia pela PGR, a PF prendeu, ontem, Robson Calixto da Fonseca, o "Peixe", ex-assessor de

Renan Azeiteiro/AE



Calixto (E) chega à sede da PF, no Rio. Ele monitorou os passos de Marielle para a armação da tocaia que a matou

Domingos Brazão, e o policial militar Ronald de Alves Pereira, o Major Ronald — apontado como ex-chefe da milícia da Muzema, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Segundo a procuradoria, os dois têm ligação direta com o assassinato de Marielle.

Calixto seria "homem de confiança" dos Brazão. Antes

de ser indicado para o cargo comissionado no Tribunal de Contas do Estado do Rio (TCE-RJ), foi assessor de Domingos na Assembleia Legislativa do Rio (Alerj). A investigação aponta que ele intermediou a primeira reunião para organizar o atentado, nas mediações de um hotel na Barra da Tijuca.

Em relação a Ronald, a denúncia aponta que sua participação no duplo homicídio "se deu por meio do monitoramento das atividades de Marielle e do fornecimento aos executores de informações essenciais à consumação dos crimes. Os crimes foram praticados mediante promessa de recompensa e por motivo torpe".

HOMENAGEM



Amigos e parentes despediram-se do ministro aposentado do STJ

Amigos celebram legado de Carlos Mathias

» INGRID SOARES

Amigos e parentes se despediram, ontem, do ministro aposentado do Superior Tribunal de Justiça Carlos Fernando Mathias. Ele morreu na noite de quarta-feira, em casa, aos 85 anos.

O ministro e decano do Supremo Tribunal Federal (STF) Gilmar Mendes conviveu por décadas com Mathias. E destacou que o jurista deixou um importante legado. "Sou colega dele na Universidade de Brasília. E acompanhei também no TRF (Tribunal Regional Federal) e no STJ. Sou um amigo e admirador. Uma

pessoa sempre bem-humorada, amigo dos amigos, e um amigo de Brasília também. Teve funções importantes aqui na gestão cultural e foi engajado na consolidação da cidade. Sou um admirador do Mathias e sinto muito esse desfecho", disse o ministro.

O ex-governador José Roberto Arruda lembrou que o ministro aposentado do STJ foi um dos responsáveis pela obra do Teatro Nacional. "Ela era um ser humano incrível, de uma inteligência muito aguda, de uma cultura fantástica e super-bem-humorada. Em 1979, ele era presidente da fundação cultural, a Eurides (Brito) era

secretária de Educação e eu era diretor de edificações da Novacap. Juntos terminamos a obra do Teatro Nacional. Tive o privilégio de conviver com ele. Deixa como legado o bom humor, uma cultura geral fantástica e uma passagem pela vida de Brasília muito importante", destacou Arruda.

Para o ex-senador pelo Distrito Federal Adelmir Santana, Mathias era conhecido pelo bom humor e pela atuação em prol da cultura. Mas também será lembrado pelo lado religioso.

"O professor Carlos Mathias foi meu professor em 1964 e 1965, no Elefante Branco (centro de ensino

médio na 908 Sul). Depois, foi meu professor na universidade. Era um homem memorável, religioso, sempre nos encontrávamos na igreja. Tinha uma representatividade muito grande por sua cultura, pelo que fez por esta cidade e, notadamente, na questão de ter sido professor", recordou.

Natural do Rio de Janeiro, Mathias deixa mulher, duas filhas e um neto. Integrou o Tribunal Regional Federal da 1ª Região (TRF-1) e o Tribunal Regional Eleitoral do Distrito Federal (TRE-DF). Foi colaborador do caderno *Direito & Justiça*, do *Correio*. (Colaborou Renato Souza)